

O “*Malleus maleficarum*” e o surto de caça às bruxas

Gabriel Moreira Medeiros Laureano.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2014.

Neste presente trabalho, apresentaremos a resenha do famoso manual utilizado pelos inquisidores chamado “*Malleus Maleficarum*”, e o contexto histórico de sua publicação, qual seja, o surto de caça às bruxas.

A crença em mulheres com habilidades, e poderes extraordinários, surgiu em grande parte da cultura popular da Alta Idade Média – não exclusivamente, pois essas práticas de “artes mágicas” também ocorriam entre as categorias superiores, como a nobreza e o clero –, que ainda conservava alguns elementos do paganismo, como por exemplo, os ritos de fertilidade – onde a mulher tinha papel essencial. A situação começou a mudar a partir do século XI com as Cruzadas, pois estes conflitos contra os “infiéis” muçulmanos não foram apenas uma guerra mundana, mas sim uma Guerra Santa. Os cristãos identificavam a ação maligna do Diabo no inimigo muçulmano, que era um, dentre seus vários agentes, para destruir a Cristandade e profanar seus símbolos religiosos. Assim, iniciou-se um processo de aproximação do mundo espiritual com o mundo real, digamos assim, pois houve um crescente apego às relíquias, e a crença em que os santos (por meio de tais relíquias), Cristo, e o próprio Diabo atuavam diretamente no cotidiano.

Neste mesmo período diversas heresias surgiram pela Europa, e algumas, como os Cátaros – que se encontravam majoritariamente no sul da França –, atingiram enormes proporções. Esta heresia gerou até mesmo uma Cruzada, chamado Cruzada Albigense (1209), tamanho o ímpeto com que foi combatida. O clima persecutório em torno dos Cátaros foi o grande mote para a fundação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que se revelou uma maneira mais eficaz e sistemática na perseguição daqueles que se mostravam divergentes da ortodoxia da fé.

Depois, a atitude da Igreja começa a mudar, no contexto da luta contra as heresias, no século XII, e sobretudo no século XIII. Multiplicam-se, então, as narrativas que demonizam os hereges e que serão mais tardes aplicadas

aos feiticeiros. Os clérigos começam a afirmar que o diabo preside às reuniões dos hereges e até mesmo estes consideram Lúcifer o verdadeiro deus, injustamente expulso do céu (bula *Vox in rama* de Gregório IX, de 1233). Pouco a pouco, os hereges são transformados pela Igreja em seitas adoradoras do diabo. Paralelamente, para luta contra a heresia, estabelece-se o dispositivo repressivo (...), que terá papel determinante na ampliação da caça às bruxas.¹

Com um tribunal religioso dedicado especialmente à perseguição dos ditos erros que envolviam a fé, todo o folclore – e resquícios culturais do paganismo –, mal vistos pela Igreja desde o início de sua organização e estruturação, foram incorporados ao campo da bruxaria e feitiçaria. E tais conceitos apresentam uma diferenciação, vejamos:

É muito sutil, se não artificiosa, a diferença essencial que se queira estabelecer entre magia (ou feitiçaria) e bruxaria. Em ambas, o sujeito pretende ter domínio sobre as forças da natureza, para produzir fenômenos contrários às leis naturais, ou desconformes às suas causas, com auxílio de forças ocultas providas do além. O que apenas cabe dizer é que a bruxaria costuma ser mais aparatosa e com maior frequência supõe a imediata intervenção demoníaca, *verbi gratia*, a estereotipada imagem de bruxas voando pelos ares, montadas sobre vassouras ou sobre animais (estes nada mais sendo do que o diabo). A magia, ao invés, está mais interessada em filtros, poções, elixires, rezas de suposto efeito milagroso, adivinhações, encantamentos, etc. Pode ser magia “branca” ou “negra”, conforme se proponha a atrair uma pessoa para algo bom, ou a lhe causar algum dano.²

A mulher bruxa que era canal para ação demoníaca era exatamente o primeiro tipo descrito pelo autor, enquanto que a segunda classificação (a mulher curandeira) foi sendo pouco a pouco identificada como bruxa e tendo seus atos, inofensivos, ressignificados para o sumo de todo o mal. Nesse amplo contexto, marcado pelo forte medo, é que o *Malleus Maleficarum* – ou Martelo das Feiticeiras –, foi escrito por dois inquisidores alemães: Heinrich Kramer (1430-1505),

1 BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006. p. 240

2 GONZAGA, João Bernardino. A Inquisição em seu mundo. São Paulo: Saraiva, 1993. p. 162.

e James Sprenger (1435-1495). Kramer foi o principal autor, e teve como motivação o fracasso inicial de sua carreira enquanto inquisidor. Ao idealizar o seu famoso manual, tinha como objetivo sistematizar os meios de perseguição às bruxas, e que deveriam ser meios infalíveis. Já Sprenger, além de inquisidor assim como Kramer, foi um acadêmico, que participou da confecção do livro de maneira secundária, como um auxiliar. O livro foi publicado em 1484, e juntamente dele a Bula *Summis desiderantes affectibus* do Papa Inocêncio VIII, dando todo o apoio aos dois inquisidores.

E não obstante nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger, Professores de Teologia, da Ordem dos Monges Dominicanos, tenham sido por Cartas Apostólicas delegados como Inquisidores (...), decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis.³

O *Malleus Maleficarum* contou com todo o apoio do Pontífice, e não se restringiu apenas a Alemanha – local de origem dos dois inquisidores –, mas influenciou todos os inquisidores que vieram após sua publicação, pois apresenta de maneira bem clara e estrutura diversas questões que envolvem as bruxas, e os meios de sua perseguição. Para tanto, o livro foi dividido em três partes: a primeira parte, intitulada “Das três condições necessárias para a bruxaria: o diabo, a bruxa e a permissão de Deus todo poderoso”, busca esclarecer por que existem as bruxas; defendem que a crença nas bruxas é um elemento legítimo da fé; e explicam como as bruxas se relacionavam carnalmente com o Diabo. Certamente, a questão mais importante desta parte é a justificativa dada pelos inquisidores para a existência das bruxas, pois elas só existem pela permissão de Deus, que tem como objetivo por meio delas, testar a fé de seus filhos, e ressaltar a força da Igreja. E as mulheres são os receptáculos ideais para atuação maligna, pois segundo os autores:

A mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrário a retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona e mente.⁴

Percebe-se que a principal justificativa para as mulheres serem suscetíveis ao mal, encontra-se em sua sexualidade, supostamente marcada pela devassidão, que permitia a proximidade com o Diabo por meio dos Incubos e Sucubos, demônios com quem as bruxas se relacionavam sexualmente. Tais atos eram a fonte de seu poder para realizar as diversas catástrofes na

humanidade.

A Primeira Parte é sem dúvida a mais importante, pois apresenta toda a argumentação teológica utilizada pela Inquisição para embasar a existência e a perseguição às bruxas. Em contrapartida, nas outras duas partes, são discutidas questões mais diretas. Na segunda parte, intitulada “Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados” os autores mostram como as bruxas se encontram com o Diabo, e também as maneiras eficazes que os fiéis podem lançar para se protegerem da atuação das mesmas. Na Terceira Parte intitulada “Que trata das medidas judiciais no tribunal eclesiástico e civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges”, tem como objetivo abordar todos os procedimentos que devem ser considerados para a prisão e interrogatório das bruxas, e também envolvendo os métodos de tortura. Um aspecto interessante dessa última parte, é o grande temor no poder das bruxas que se deixa transparecer por meio da recomendação que é dada na Questão XV da parte III, vejamos:

Mas que não se pense que o contato físico com as juntas e com os membros seja a única coisa a ser evitada; às vezes, com a permissão de Deus, e com o auxílio do demônio, elas são capazes de enfeitiçar. Juízo mero som das palavras que dizem, especialmente no momento em que são submetidas à tortura.⁵

Acreditava-se que além do toque, pelo olhar as bruxas eram capazes de enfeitiçar/seduzir os juizes e levá-los a executarem seus desígnios. Esse trecho demonstra o grande medo e o sentimento de misoginia cultivado pelos inquisidores, que era uma aversão a mulher reforçada pelo ímpeto no combate ao Diabo.

Concluindo, nós podemos afirmar que, o *Malleus Maleficarum*, foi uma eficaz ferramenta na perseguição às mulheres acusadas de bruxaria no final do século XV. Pois além de apresentar uma justificativa teológica para as bruxas, também apresenta uma metodologia para a identificação e perseguição das mesmas. Metodologia essa que encarrega dos mínimos detalhes, como foi possível observar no trecho citado acima. O famoso manual também é uma rica fonte para a pesquisa histórica sobre a temática da bruxaria.

Referências

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

GONZAGA, João Bernardino. *A Inquisição em seu mundo*. São Paulo: Saraiva, 1993.

3 *Summis desiderantes affectibus*. IN: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feitiçeras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2014. p.44-45.

4 KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feitiçeras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2014. p.116.

5 KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feitiçeras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2014. p. 436.